

### SETEMBRO

#### A vida 'ferve' com dias mais longos

As chuvas talvez atrasem um pouco ou privilegiem só algumas regiões e outras não, já que a seca de inverno também veio tarde e sem uniformidade, este ano. Mas a partir do dia 22 de setembro, quando o Sol passa pelo Equador, em seu movimento aparente, a primavera se instala em todo o Brasil do Hemisfério Sul. As exceções são Amapá, Roraima e o extremo norte do Amazonas, onde, ao contrário, inicia-se o outono e começa a estação seca. Embora na região tropical não ocorram explosões de flores para marcar a primavera, como nas zonas temperadas, muitas plantas respondem aos dias que se alongam e às noites cada vez mais curtas. Os animais também se inquietam com a mudança. Com mais horas de luz do Sol, ativam-se os hormônios das mais diversas espécies, em áreas de vegetação aberta ou fechada, avisando que é tempo de florescer, frutificar, reproduzir e assegurar a continuidade da vida.



LIANA JOHN

MARISA REBERO



#### Domínio do amarelo

Entre as flores, destacam-se os ipês amarelos (*Tabebuia chrysotricha*), notáveis em qualquer cenário, do Pantanal aos cerrados e cerradões ou nos quintais, nas grandes cidades. Onde choveu além da conta, durante o inverno, a espécie já floresceu em agosto, precocemente. Mas em terras mais secas, as floradas ainda seguem o calendário. Mesmo sem a exuberância dos ipês, o amarelo também

(*Caesalpinia peltophoroides*), uma árvore muito utilizada nas ruas dos grandes centros. E, nas matas preservadas, é a cor das flores do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), a árvore-símbolo do país, ainda hoje a preferida pelos músicos, na fabricação de arcos de violino. Em setembro, as abelhas circulam pelas flores miúdas e discretas, mas altamente produtivas das cabreúvas-vermelhas (*Myroxylon peruiferum*) e guabijus (*Myrcianthes pungens*).



## Invisibilidade relativa

Nos campos limpos e cerrados, a voz predominante é a da perdiz (*Rhynchotus rufescens*) muito ativa durante o dia. O macho constrói o ninho, forrando uma depressão no solo com ramos secos. Então defende seu território e procura atrair uma das fêmeas que vagueiam por perto. Um mesmo ninho pode ter ovos de mais de uma fêmea e quem choca - 10 a 12 ovos - é o macho. Ele usa o recurso de ca-

muflagem, com penas da cor da vegetação seca, na tentativa de ficar invisível aos olhos dos predadores. Quando nascem, os pintainhos seguem o pai e, em caso de alarme, abaixam-se, imóveis, também confiando na camuflagem para escaparem ilesos. Um dos problemas com esta estratégia é que ela não funciona contra os tratores que já trabalham no preparo do solo para plantio da safra de grãos.

## Ninhadas à beira d'água

Nas barrancas dos rios mais preservados, as tocas de ariranhas (*Pteronura brasiliensis*) agora abrigam as ninhadas precoces, em geral, de 2 a 3 filhotes, podendo chegar até 5. Pesando apenas 200 gramas e 'cegos' até um mês de idade, os pequenos são muito vulneráveis e não é raro toda a ninhada morrer ou ser predada. Se isso acontece, a mãe logo entra no cio e acasala novamente. A segunda cria chega entre dezembro e abril, após uma gestação de 70 dias. Para aqueles que vingam, crescer rapidamente faz toda a diferença, pois

com 3 a 4 meses de vida eles já devem ser independentes. Aos 9 meses, o filhote alcança o porte dos pais, embora a maturidade sexual só venha mais tarde, em torno dos 2 anos. Nadadoras exímias e elegantes, as ariranhas podem andar em duplas ou em grupos e, apesar de parecerem grandes brincalhonas, pedem distância e respeito, pois têm dentes afiados e não hesitam em usá-los. São excelentes pescadoras, mesmo em águas turvas, e não dispensam variações de cardápio, à base de peixes, mais raramente crustáceos, ou mesmo filhotes de jacaré. Têm hábitos diurnos, ao contrário das lontras (*Lutra longicaudis*), preferencialmente vespertinas ou mesmo noturnas.



## Galhada completa

Entre os cervos, a primavera traz de volta o orgulho de ostentar uma galhada. Em junho, os machos haviam perdido temporariamente os chifres - que não são permanentes como os cornos dos touros - e agora os recuperam. É o sinal do início da época de reprodução. O maior representante dessa família, com 2 metros de comprimento e 1,30 m de altura, é o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*). Sua galhada atinge 50cm e é ramificada, com até 30 pontas. O cervo jovem inicia com poucas ramificações e cada vez que os chifres ressurgem, apresentam mais uma ponta. A espécie distribuía-se entre os campos alagadiços do Mato Grosso e os banhados do Rio Grande do Sul, mas a destruição do seu hábitat e drenagem dos campos para implantação de pastagens já restringem sua circulação.

## Frio vai, peixe vem

O leitor se lembra daquela sabedoria cabocla segundo a qual nos meses sem "R" não dá peixe? Pois os meses sem "R" acabaram e o frio - que explica o sumiço de algumas espécies - está indo embora. Frio vai, peixe vem. O "R" não discrimina o frio nem o calor, mas no calendário coincide com os meses mais quentes, de setembro a abril. Neste mês de mudança de estação, onde o tempo esquentar voltam à atividade plena peixes como o acará, o apaiari e o barbado, entre outros, que têm maior incidência na primavera e no verão. Várias espécies que andaram escondidas no frio voltam a dar as caras, como a tabarana, o bagre, a jatuarana, a piracanjuba, a tilápia e o lambari, por exemplo. Nos rios onde a água está baixa e limpa e nas bocas de lagoas aumenta disputa por alimentos e peixes como cachara, bicuda, cachorra e dourado se expõem mais. No mar, a maioria dos peixes ocorre o ano todo com incidência semelhante, no frio ou no calor. Entre as espécies que ocorrem com mais frequência na primavera e no verão estão o atum, o badejo, o cherne, a garoupa, o marlin-branco e o xaréu.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI